

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Júlia Pereira Cabral

“PORQUE EU ADORO DAR IDEIAS”

**O que pensam as crianças sobre sua participação nos projetos de trabalho na
Educação Infantil**

Porto Alegre

2. semestre.

2014

Júlia Pereira Cabral

“PORQUE EU ADORO DAR IDEIAS”

**O que pensam as crianças sobre sua participação nos projetos de trabalho na
Educação Infantil**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia- Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Simone Santos de Albuquerque.

Porto Alegre

2.semestre

2014

Dedico aos meus amados Leonardo e Eduardo,
com vocês minha vida é repleta de felicidade e amor.
Aos meus pais e irmã, pelo carinho e apoio incondicional.
Meus amores, esta conquista também é de vocês.

AGRADECIMENTOS

Ao termino deste trabalho gostaria de agradecer algumas pessoas importantes nesta trajetória.

Agradeço a minha orientadora Simone Albuquerque, pelo apoio, empenho e orientação em minha caminhada do estágio ao trabalho de conclusão de curso.

As crianças e a equipe de profissionais da escola em que realizei meu estágio e pesquisa, pelo carinho e colaboração muito especial.

As colegas de graduação que se tornaram amigas para além da universidade, deixando meus dias mais alegres e coloridos. Em especial a minha “gêmea”, irmã de coração, que seguirá comigo por toda minha vida, Kyanny Denardi.

Aos meus pais, Álvaro e Claudia, e irmã Daniela, por investirem em mim ao longo de toda minha vida muito amor e incentivo.

Ao meu amado companheiro de todos os momentos, meu grande amigo e amor, Eduardo. Tua dedicação, admiração e amor são estímulos para que eu siga sempre em frente.

A meu filho, Leonardo, minha inspiração diária. Minha vida, meu amor.

Muito obrigada!

RESUMO

Este estudo tem como objetivo central, entender como um grupo de crianças do Jardim B percebem sua participação nos projetos de trabalho no contexto de uma escola pública de Educação Infantil localizada na área urbana central do município de Porto Alegre. A pesquisa parte da compreensão de criança como protagonista e sujeito de direitos, capaz de produzir e contribuir com ideias. Os referenciais teóricos que subsidiaram o estudo no que se refere aos os projetos de trabalho foi Hernandez (1998, 2001), quanto aos projetos de trabalho na Educação Infantil e estudos sobre as infâncias, faço referencia à Barbosa e Horn (2008), Junqueira Filho (2009), e Sarmiento (2008, 2011), Rocha (2008) Delgado e Muller (2008), Gobbi (2005), Ramos (2011), Santos e Panizzolo (2014) no que diz respeito a metodologias de pesquisa com crianças. A pesquisa realizada possui caráter qualitativo e a metodologia se constitui de entrevistas semiestruturadas atrelada a diferentes intervenções que promovessem o interesse e a participação das crianças, sujeitos desta pesquisa. O estudo aponta para a necessidade de ouvir as crianças, bem como a importância de considera-las sujeitos em todos os processos educativos que envolvem o cotidiano escolar da escola de Educação Infantil.

Palavras Chave: **Projetos de Trabalho – Educação Infantil – Pesquisa com Crianças – Participação Infantil.**

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 – Parte Externa da Escola.....	10
Imagem 2 – Pátio da Escola.....	11
Imagem 3 – Pátio da Escola.....	11
Imagem 4 – Área externa da Escola.....	11
Imagem 5 – Sala de aula.....	12
Imagem 6 – Sala de aula.....	12
Imagem 7 – Sala de aula.....	12
Imagem 8 – Capa do Livro “A fada que tinha ideias”	20
Imagem 9 – Desenhos das crianças: recontando a história “A fada que tinha ideias”	26
Imagem 10 – Desenhos das crianças: recontando a história “A fada que tinha ideias”	26
Imagem 11 – Revendo suas produções.....	28
Imagem 12 – Contação de histórias.....	29

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	7
1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	10
2	OS PROJETOS DE TRABALHO.....	14
2.1	POR QUE TRABALHAR COM PROJETOS?.....	16
3	POR QUE OUVIR AS CRIANÇAS?.....	19
4	METODOLOGIA.....	20
4.1	ERA UMA VEZ UMA FADA QUE TINHA IDÉIAS: METODOLOGIA DA PESQUISA COM AS CRIANÇAS.....	21
5	MAS QUE HISTÓRIA É ESSA? ROTEIRO DA PESQUISA.....	24
5.1	DIÁRIO DE CAMPO DA PESQUISA: REGISTRO E PERCEPÇÕES DOS ENCONTROS.....	24
6	O QUE AS CRIANÇAS DIZEM QUANTO A SUA PARTICIPAÇÃO NOS PROJETOS DE TRABALHO: ENTRE A REALIDADE E O DESEJO.....	30
6.1	O CONTEXTO: COMO AS CRIANÇAS PARTICIPAM DOS PROJETOS DE TRABALHO?.....	31
6.2	O DESEJO: COMO AS CRIANÇAS PODERIAM PARTICIPAR DOS PROJETOS DE TRABALHO?.....	33
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS.....	39
	ANEXOS.....	41
	ANEXO A – Termo de Consentimento Informado para a Escola.....	42
	ANEXO B – Termo de Consentimento Informado para as Crianças...	43
	ANEXO C – Termo de Consentimento Informado para as Famílias....	44

INTRODUÇÃO

Ao montar o quebra-cabeça do estágio de docência, muitas questões emergiram da prática e das reflexões sobre o que eu havia vivenciado naquele período junto às crianças. As primeiras peças foram sendo organizadas enquanto eu, ainda inexperiente no fazer docente, me vi, nas primeiras semanas de estágio, insegura quanto ao planejamento das propostas educativas para minha turma. Mesmo sabendo que ainda havia um longo caminho a ser percorrido até que as peças do quebra-cabeça do estágio de docência estivessem alinhadas; um misto de ansiedade e insegurança contribuiu para minha instabilidade.

Contudo, ao passo em que meus encontros com as crianças da escola foram realizados, meus receios, medos, ansiedades foram acalentados. Aos poucos comecei a ver o estágio por outros prismas, e perceber que não se tratava de um bicho de sete cabeças, mas de um campo luminoso repleto de vinte borboletas.

Durante meu estágio de docência, em uma turma de Jardim B, as interações com as crianças foram trilhando minha experiência docente por um caminho em que de mãos dadas com as crianças propostas educativas eram pensadas e, conseqüentemente, desenvolvidas de modo que nos envolvesse por completo. Assim, desenvolvemos uma verdadeira parceria, na elaboração de propostas e projetos de trabalho vivenciados no cotidiano escolar durante o período em que permaneci na escola.

Refiro-me a parceria, pois de fato foi o que aconteceu: ao chegarmos à quinta-feira, último dia de nosso encontro semanal, nos reuníamos ao final da aula e realizávamos nossa “reunião de estágio”. Tratava-se de uma retomada do que havíamos trabalhado naquela semana, sentávamos em roda e eu instigava as crianças para que me dissessem o que haviam gostado de estudar/pesquisar e deveria permanecer nas próximas semanas, também o que não havia sido muito interessante e poderia ficar de fora ou pensávamos um modo mais envolvente de trabalharmos determinada questão, bem como o que ainda não havia sido abordado

e que gostariam de incorporar as atividades em sala de aula, ou fora dela, nas semanas seguintes dentro do projeto que estávamos trabalhando¹.

Ouvir as crianças foi pontual para o desenvolvimento do planejamento, visto que ao perceberem que suas falas eram relevantes para o desenvolvimento das propostas cotidianas na escola, mais interessados ficavam com o projeto, mais ideias apontavam para nossas vivências.

Quanto à importância de dialogar com as crianças valho-me das palavras de Junqueira Filho:

[...] qualquer assunto é passível de conversa com as crianças, desde que não esperemos delas uma resposta certa e continuemos a conversa a partir das pistas que elas nos dão acerca do olhar delas sobre si mesmas, as coisas, os outros, o mundo, estendendo e problematizando esse olhar e esse diálogo na relação com o que a humanidade já produziu a respeito do que quer que seja objeto das conversas entre crianças e suas professoras. (JUNQUEIRA FILHO, 2009, p. 11)

As considerações trazidas pela turma eram adaptadas ao planejamento, e este quando desenvolvido no cotidiano escolar proporcionava às crianças de minha turma reconhecerem-se protagonistas naquelas propostas, visto que ao passo que o projeto avançava meus planos de aula e os rumos de meu projeto sofriam interferências constantes. Certa vez, um dos meninos pediu a fala em nossa reunião e disse:

- Hei profe, porque não estudamos as bandeiras do mundo!

Tal pedido foi inserido as propostas de trabalho do projeto, afinal como trabalhar os Povos do Mundo sem conhecer suas bandeiras?

Este exemplo reflete o quanto nós, adultos, muitas vezes em busca de planos de aula cheios de elementos e propostas que julgamos interessantes, deixamos escapar elementos simples mas, exatamente por ser simples tornam-se acessíveis e interessantes às crianças.

Nesta perspectiva, a autoria do planejamento foi compartilhada, dar vez e voz na elaboração das propostas de trabalho do projeto à turma do Jardim B, fez com que sentissem-se participes das atividades e vivenciassem seus interesses.

¹ 1- Em meu estágio trabalhamos com dois projetos, o primeiro voltado para nossa adaptação: "identidade do grupo Jardim B". O segundo maior, que seguiu conosco entre a quinta até a décima terceira semana de estágio, trava-se do projeto "Povos do Mundo".

Para as crianças a metodologia de Projetos oferece o papel de protagonistas das suas aprendizagens, de aprender em sala de aula, além dos conteúdos, os diversos procedimentos de pesquisa e de organização e expressão dos conhecimentos. (BARBOSA, 2001, p.12)

Ao vivenciar todas estas aprendizagens a cima apresentadas, ingresso na última etapa de minha graduação, no Trabalho de Conclusão de Curso com a questão que emergiu de nossas (minhas e do grupo de crianças) reuniões de estagio, onde construíamos juntos, peça por peça nosso projeto de trabalho. Proponho-me a voltar àquela sala de aula para novamente ouvi-las e compreender pelo prisma das crianças: como as crianças percebem sua participação nos projetos de trabalho?

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Educação Infantil JARDIM DE PRAÇA CANTINHO AMIGO, local onde realizei meu estágio de docência junto à turma de Jardim B no período do 1 semestre de 2014. A escola que pertence a Rede Municipal de Educação de Porto Alegre e fica localizada na região central da cidade, atendendo duas turmas de Jardins A e B em período parcial.

Imagem 1 – Parte Externa da Escola



Fonte: da autora

Embora a escola seja composta por um número pequeno de crianças e profissionais, apresenta espaços amplos internos e externos, propiciando o desenvolvimento de propostas pedagógicas diversificadas, bem como as brincadeiras e interação entre as crianças. O pátio da escola, é algo que já na chegada chama atenção: é amplo e com vários equipamentos para brincar. Nele há muitas árvores, algumas floridas, balanço, gangorra, trepa-trepa, além de três casinhas para brincar, sendo uma localizada em cima de uma árvore e um barco onde as crianças podem entrar e brincar livremente. Estes elementos somados a extensão do pátio tornam o espaço mágico aos olhos dos pequenos.

As crianças, no turno da manhã – turno em que estive presente na instituição -, chegam à escola junto com seus familiares, a maioria trazida por avós e/ou mães, apenas duas crianças necessitam do transporte/van escolar para chegar à escola. As famílias da escola são constituídas, em sua maioria, por mãe, pai e avós muito próximos, sendo estes responsáveis por levar e buscar as crianças na escola. O horário de funcionamento da escola é, pela manhã das 8h às 11h:45min e a tarde das 13h:30min às 17h:15min, em ambos os turnos há tolerância de 15 minutos no horário de entrada e saída

Imagens 2 e 3 – Pátio da Escola



Fonte: da autora

O espaço físico da escola é organizado em um tipo de “circulo”, desse modo as salas de aula, sala de direção/professores, cozinha e portas de saída e para o pátio são vistas por todos. No centro, ligando todos estes “cantos” está o saguão. O saguão é ao grande espaço de convivência do Jardim de Praça, ele apresenta um bom espaço que favorece a integração entre as crianças dos dois jardins (JA e JB), com as professoras e funcionárias. Nele há brinquedos grandes como uma casinha de bonecas para que as crianças possam entrar nela, uma piscina de bolinhas, estantes com livros e fantoches e computadores específicos para os alunos.

Imagem 4 – Área Interna Da Escola (Saguão)



Fonte: da autora

O refeitório é pequeno, mas suficiente para receber todos os alunos. Há mesas grandes/compridas e cadeiras adaptadas ao tamanho das crianças. É nesse espaço que a turma faz seu “lanche” da manhã, ofertado pela EMEI e acompanhado pela técnica em nutrição da SMED. Por se tratar de uma escola onde os alunos frequentam apenas meio turno, não há oferta de almoço, apenas um lanche por volta das 9 horas da manhã.

As salas de aula também têm um espaço amplo, com mesas e cadeiras adequadas ao tamanho dos alunos. Há um banheiro na sala adaptado às crianças, o banheiro é de uso comum entre as duas turmas da escola. Em ambas as salas há brinquedos e jogos novos, organizados em estantes, há também brinquedos grandes como carrinhos para bonecas, mesas, bancos e poltroninhas para que as crianças brinquem de casinha (ou do que lhes for interessante), também elementos de cozinha como geladeira, fogão entre tantos outros.

Imagens 5, 6 e 7 – Sala de Aula



Fonte: da autora

Há ainda, na sala de aula, brinquedos para o “faz de conta”, fantasias, bonecas e bonecos, carrinhos, fantoches, máscaras, etc. Enfim muitos materiais que possibilitam a imaginação fluir. Cada sala de aula conta com uma variedade de livros à disposição das crianças.

No que diz respeito aos Jardins de Praça da rede municipal de Porto Alegre, no site da Secretaria de Educação do município encontramos um pequeno texto que nos apresenta o histórico destas instituições de educação infantil.

[...] Na década de 40, a Prefeitura inicia a criação de Jardins de Infância em algumas praças da cidade, com uma proposta inspirada em Fröebel, atendendo crianças de 4 a 6 anos, em meio período. Na década de 60, são abertas turmas de Jardim nas escolas primárias municipais. [...] Em 1991, foi criado o Programa Municipal de Educação Infantil de Porto Alegre – PMEI, transferindo a administração das sete creches existentes para a Secretaria da Educação – SMED. As creches passaram a designar-se Escolas Municipais Infantis, recebendo equipe diretiva indicada e professoras concursadas que assumiram a coordenação das atividades pedagógicas de todos os grupos etários, inclusive dos berçários. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2014)

A pesquisa será realizada com a turma de Jardim B em que realizei meu estágio de docência. Trata-se de uma turma composta de vinte crianças, com idades de cinco e cinco e seis anos. Durante o período em que estive junto à equipe da EMEI Cantinho Amigo, percebi que a proposta de projetos de trabalho esta incorporada as praticas das professoras.

2 OS PROJETOS DE TRABALHO

No início do século passado um movimento denominado Escola Nova surgiu com o intuito de questionar os sistemas educacionais e, como a partir de tais questionamentos, apresentar concepções novas sobre a educação escolar. A Escola Nova teve seu início com educadores Europeus e Norte Americanos, em seguida se estendeu para os demais continentes. Entre os principais idealizadores da Escola Nova, Barbosa e Horn (2008, p.16) destacam: Ovide Decroly, Maria Montessori, John Dewey, estes partiam de ideias reformistas. As autoras apontam ainda para educadores brasileiros, entre eles: Lourenço Filho, Paschoal Lemme, Cecília Meireles e Anísio Teixeira. Embora com concepções políticas diversas, uniram em prol de um grande movimento pela educação, que tinha como interesse principal o benefício das crianças brasileiras, tal movimento teve seu início em 1932, com o *Manifesto dos Pioneiros da Educação*,

Por se tratar de um movimento que envolvia educadores de diversas partes do mundo, a Escola Nova não tinha uma metodologia pedagógica. Contudo, algo comum a todos era a crítica a escola tradicional, bem como o interesse por uma educação em que houvesse a globalização dos saberes, desse modo atenderiam as necessidades específicas dos alunos de cada região, bem como o tornaria parte do processo de ensino e aprendizagem. A partir deste novo ponto de vista, os educadores da Escola Nova organizavam o currículo escolar e as propostas educativas em: centros de interesses, unidades didáticas e projetos.

Os Projetos de Trabalhos têm acompanhado os currículos educacionais desde meados do século XX, em *Transgressão e Mudança* (1998) Fernando Hernandez explana sobre a existência e contribuição dos Projetos no âmbito das discussões sobre o currículo educacional desde os anos vinte até a atualidade. Contextualizando suas modificações com o passar dos anos.

Hernandez aponta que em seu início, por volta dos anos 20, os projetos de sofriam críticas constantes, como as que diziam que *com os projetos deixavam de ser solicitados conteúdos, não se realizava um trabalho sistemático e se perdia o rigor “lógico das matérias” disciplinares* (Hernandez, 1998, p.68), tal concepção de educação foi somada, alguns anos mais tarde, ao tecnicismo trazido pela Segunda Guerra Mundial, que era considerado uma das prioridades no contexto social. Por

volta dos anos 60 e 70 essas perspectivas foram modificando-se, a proposta de projetos ganhava o nome de “trabalho por temas”; *o ensino através de temas serviria como mediador para ir além das disciplinas, facilitando aos alunos a aprendizagem de conceitos e estratégias vinculadas a experiências próximas e interessantes para eles (Hernandez, 1998, p.70)*, com essa ruptura do pensamento do início do século passado, a propostas de projetos de trabalho ou, como eram chamados trabalhos por temas, colocavam o aluno em papel de destaque nos estudos e no cotidiano escolar.

Ao chegarem aos anos 80 os projetos de trabalho ganham influencia das concepções construtivistas Piagetianas, onde o contexto da aprendizagem, a relação entre a cultura e escola e as múltiplas possibilidades de ensino oferecidas aos alunos eram entendidas como algo de suma importância neste período histórico, e se mantém até a atualidade. Para Hernandez o construtivismo contribui para a educação pelo viés dos projetos ao assinalar que:

Essa visão, aponta Bruner (1919, p.10), contempla os projetos como uma peça central do que constituiria a filosofia construtivista na sala de aula. Aprender a pensar criticamente requer dar significado à informação, analisá-la, sintetizá-la, planejar ações, resolver problemas, criar novos materiais ou ideias, e envolver-se mais na tarefa de aprendizagem. (HERNANDEZ, 1998, p. 72)

A Educação Infantil vem passando por um intenso movimento de pesquisas e debates que, conseqüentemente, promovem novas concepções de educação, infância e criança que se refletem nas instituições de ensino e respectivamente no modo de educar e cuidar as crianças. Tais discussões sobre a infância têm posto em pauta a questão da valorização do universo infantil nas propostas educativas, em promover projetos e atividades que contemplem as necessidades e interesses das crianças. No que se refere à importância do trabalho por projetos em sala de aula na contemporaneidade, Barbosa e Horn dizem quem:

Em terceiro lugar, é importante considerar a dinâmica da vida das sociedades contemporâneas pressupõe um outro modo de educar as novas gerações e que as novas características da infância e da juventude não têm sido considerados nos modos de pensar e realizar a educação escolar. Com isso, aponta-se para uma urgente necessidade de modificação da estruturação e organização da vida escolar, com o intuito de construir significados para as aprendizagens e para a experiência dos alunos. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 24)

Quanto à proposta de Projetos de Trabalho, no blog da instituição Jardim de Praça Cantinho Amigo, local da pesquisa, afirma que:

Quanto a organização dos tempos e espaços e a produção de projetos de escola e todos os movimentos e ações tiveram como foco o “desenvolvimento integral da criança até seis anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social complementando a ação da família e da comunidade.” LDBEN 96 Art. 29. (BLOG DA EMEI CANTINHO AMIGO, S/D)

Na escola vivenciei, durante as reuniões semanais, o interesse por parte da direção, em conjunto com as professoras, em elaborar propostas que diversificadas para o interesse das crianças. Também, a relação com as famílias era muito próxima, professoras e diretora conheciam os responsáveis de cada criança e os tratavam de modo bem intimista, havia uma relação amistosa e de parceria entre as famílias e a escola.

2.1 POR QUE TRABALHAR COM PROJETOS?

Ao ingressar no estágio de docência, me vi sem um rumo, sem saber ao certo por onde iniciar as propostas educativas para as crianças de minha sala de aula, tal ausência de *um mapa para iniciar o percurso* (valendo-me de Hernandez) reflete-se minha inexperiência como docente. Minha atuação em sala de aula havia sido exclusivamente das semanas de prática docente ao longo do curso de graduação. A partir do processo de orientação de estágio, busquei referências teóricas que pudessem me dar uma direção e identifiquei na pedagogia de projetos propostas que auxiliam as educadoras e os educadores.

Nesta perspectiva, um projeto é uma abertura para possibilidades amplas de encaminhamento e de resolução. Ele envolve uma vasta gama de variáveis, de percursos imprevisíveis, imaginativos, criativos, ativos e inteligentes acompanhados de uma grande flexibilidade de organização (BARBOSA, 2001, p. 9). Desse modo, pensando em possibilidades, em modos de interagir com as crianças oportunizando-lhes aulas interessantes e criativas, incorporei a minha prática docente os Projetos de Trabalho.

Uma visão de conhecimento que pode ser vinculada mediante os projetos de trabalho e outras formas de aprender a investigar, que ajude a não adiar nem negar o desejo de aprender dos alunos, que afrente a complexidade do conhecimento, que se vincule à compreensão da “realidade” e que desperte o interesse em aprender dentro e fora da escola, ao longo de toda a vida. Sem a tensão de ter que fazê-lo ou a obrigação de cumpri-lo. (HERNANDEZ, 2001, p. 6)

A citação a cima aponta para uma ideia simples: possibilidade de repensar as propostas educativas, de tornar a sala de aula um campo de descobertas, de inovações de estimular o interesse das crianças pelas atividades propostas.

A proposta de projetos apresenta justamente este campo aberto, sem deixar de lado as competências necessárias a cada etapa da vida escolar, mas apresentar tais necessidades educativas por outros lados do “caleidoscópio” das instituições de ensino. É possível virar e rever o caleidoscópio e ver tantas outras formas belas de lecionar.

Por meio dos projetos, muitos prismas são revistos ao passo que o projeto é desenvolvido, e assim o professor pode repensar a sua prática, se atualizar e transformar a compreensão de mundo através do estudo contínuo e coletivo juntamente com as crianças. Também é possível revisar seu modo de ensinar e, com isso, transformar sua própria história como sujeito educador. (BARBOSA, 2001, p. 12).

Creio que o trabalho com projetos é uma proposta renovadora para os que já exercem a docência por mais tempo, visto que para os projetos de trabalho é imperativo que se busque o conhecimento, a desacomodação se faz necessária para o desenvolvimento dos projetos. E a aquelas e aqueles que estão iniciando (como eu) é um terreno fértil, inspirador! Traz-nos segurança para seguir em frente trazendo para a sala de aula possibilidades, conversações e muitas aprendizagens.

Uma das grandes contribuições da pedagogia de projetos e a sua dimensão social. Quem aprende quando uma escola propõe um trabalho com projetos? Aprendem os alunos, os professores, os funcionários, os pais as instituições, a sociedade, isto é, toda a comunidade troca informações, cria conhecimentos comuns, formula perguntas e realiza ações. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 85)

Na educação infantil os projetos trabalho têm o papel de organizar as possibilidades educativas para além do “pinta, recorta e cola” sem uma reflexão e ação criativa das crianças. As crianças desde muito cedo já conseguem expressar suas opiniões acerca de qualquer assunto que lhes seja socializado, na sala de aula não é diferente. Em *Projetos Pedagógicos na Educação Infantil*, Barbosa e Horn apresentam-nos de modo muito claro a importância dos projetos para as crianças pequenas:

A pedagogia de projetos vê a crianças como um ser capaz, competente, com um imenso potencial e desejo de crescer. Alguém que se interessa, pensa, duvida, procura soluções, tenta outra vez, quer compreender o mundo a sua

volta e dele participar, alguém aberto ao novo e ao diferente. Para as crianças, a metodologia de projetos oferece o papel de protagonistas de suas aprendizagens, de aprender em sala de aula, para além dos conteúdos, os diversos procedimentos de pesquisa, organização e expressão dos conhecimentos. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 87)

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), artigo 4º, a criança é considerada centro do planejamento curricular, sendo compreendida como um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, assim como constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. Desse modo, legitima a condição da criança como agente ativo nas relações sociais.

3 POR QUE OUVIR AS CRIANÇAS?

Em minha experiência como docente, durante o período de estágio obrigatório, elaborei meus planos de aula e projetos a partir da escuta atenta do que as crianças daquela sala de aula traziam como contribuição em suas falas. Entendo que ouvir as crianças não é (ou não deveria ser) algo diferente, que vai para além do cotidiano escolar, mas sim algo intrínseco ao fazer docente, visto que, em minha perspectiva, as crianças são protagonistas/autores/ sujeitos da escola produzindo movimento.

Conhecer as crianças permite aprender mais sobre as maneiras como a própria sociedade e a estrutura social dão conformidade às infâncias; sobre o que elas reproduzem das estruturas ou o que elas próprias produzem e transformam através da sua ação social; sobre os significados sociais que estão sendo socialmente aceites e transmitidos e sobre o modo como o homem e mais particularmente as crianças – como seres humanos novos, de pouca idade - constroem e transformam o significado das coisas e as próprias relações sociais. (ROCHA, 2008, p. 48)

Desse modo, legitimando o protagonismo das crianças nos projetos de trabalho, pretendi neste estudo compreender a perspectiva delas sobre sua participação nos projetos trabalho.

Para tanto “[...] a ênfase na escuta, justifica-se pelo reconhecimento das crianças como agentes sociais, de sua competência para a ação, para a comunicação e troca cultural.” (ROCHA, 2008, p. 46). Nesta pesquisa, pretendeu-se conhecer suas concepções acerca dos projetos desenvolvidos no grupo do Jardim B na EMEI.

[...] “ouvi-las” interessa ao pesquisador e ao educador como forma de conhecer e ampliar sua compreensão sobre as culturas infantis – não só como fonte de orientação para a ação, mas sobretudo como forma de estabelecer uma permanente relação comunicativa - de diálogo intercultural - no sentido de uma relação que se dá entre sujeitos que ocupam diferentes lugares sociais. (ROCHA, 2008, p. 47)

Ao adentrar no universo infantil poderemos conhecer pelo prisma destas crianças como os projetos de trabalho são vivenciados cotidianamente.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

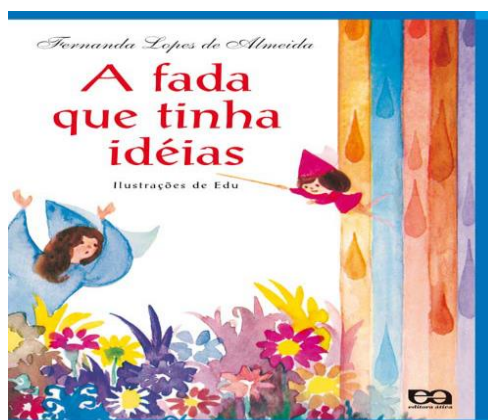
Seguindo pelo viés do protagonismo infantil, é necessário que haja uma metodologia para a pesquisa com as crianças que as valorize e lhes dê segurança para expor suas opiniões a respeito dos projetos de trabalho desenvolvidos no cotidiano escolar. Para esta questão Delgado e Muller apresentam questões importantes sobre uma proposta metodológica com crianças;

Na questão de metodologias investigativas com crianças em que se busca a voz destas a partir do consentimento informado, é necessário que se utilize métodos compatíveis com esta participação, como um adulto que se coloca ao nível da criança (desenhos, textos livres, diários). Como não é possível despir-se de seus conhecimentos e interpretações, resta tentar olhar a partir do ponto de vista exterior, com metodologias que possibilitem encontrar vários modos de expressão, não somente a visão do adulto. (DELGADO; MULLER, 2008. p. 148)

Neste sentido, este estudo apresenta uma pesquisa de caráter qualitativo, que busca compreender a perspectiva das crianças a cerca dos projetos de trabalho no cotidiano escolar, pelo prisma de uma realidade específica, neste caso do grupo de crianças do Jardim B.

Por se tratar de crianças pequenas, proponho uma metodologia que possui como estratégia mediadora e promotora da conversa através da contação e reescrita de uma parte da história.

Imagem 8 – Capa do Livro “A fada que tinha ideias”



Fonte: da autora

Também a elaboração de desenhos agrega-se no trabalho de pesquisa como possibilidade de registro gráfico das crianças sobre a questão da pesquisa. Para Sarmento os desenhos têm um significado impar na cultura infantil, sendo:

O desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças. Desde logo, porque o desenho precede a comunicação escrita (na verdade, precede mesmo a comunicação oral, dado que os bebés rabiscam antes ainda de articularem as primeiras palavras). Depois, porque o desenho infantil, não sendo apenas a representação de uma realidade que lhe é exterior, transporta, no gesto que o inscreve, formas infantis de apreensão do mundo – no duplo sentido que esta expressão permite de “incorporação” pela criança da realidade externa e de “aprisionamento” do mundo pelo acto de inscrição - articuladas com as diferentes fases etárias e a diversidade cultural. (SARMENTO, 2011, p. 1)

Estes desenhos serão incorporados à pesquisa como documentos legítimos, visto que estes foram elaborados pelas crianças. Para Gobbi, utilizar os desenhos das crianças como um método para pesquisa com crianças, é um *instrumento importante que, ao ser conjugado à oralidade, veicule informações sobre como esses meninos e meninas estão concebendo o contexto histórico e social no qual estão inseridos*. (GOBBI, 2002, p. 80).

4. 1 ERA UMA VEZ UMA FADA QUE TINHA IDÉIAS: METODOLOGIA DA PESQUISA COM AS CRIANÇAS

Para adentrar no universo infantil é necessário elaborar propostas cativantes para as crianças. Em se tratando de pesquisa com crianças é necessário buscar recursos para que a pesquisa possa ser realizada.

Desse modo, utilizo em minha pesquisa, como elemento desencadeador de nossas conversas/entrevista o livro “A fada que tinha ideias” (ALMEIDA, 2007), a escolha desta história justifica-se pelas possibilidades que o livro apresenta em instigar, explorar e expressar o pensamento e as ideias que nem sempre vão ao encontro das percepções da maioria das pessoas. A personagem principal, a fada Clara Luz, apresenta muitas possibilidades de ver o mundo por outros prismas, inclusive nas atividades propostas pela professora. A fadinha Clara Luz nos revela que “quando alguém inventa alguma coisa, o mundo anda” (ALMEIDA, 2007, p. 7).

O livro possibilita pelo viés lúdico, onde o imaginário das crianças é o dispositivo principal, uma história que os leve a pensar sobre a questão dos projetos de trabalho no cotidiano escolar.

No II simpósio Luso Brasileiro em estudos das crianças, Santos e Panizzolo apresentam uma compreensão referente ao imaginário das crianças a qual compartilho:

Esta transposição imaginária de situações, de seres humanos, de objetos ou acontecimentos estão na base da constituição da especificidade dos mundos das crianças, e é um dos principais elementos, ou melhor, o elemento central da capacidade que as crianças têm de criar diante das situações de dor e angústia para resistir aos seus problemas. É por isso que "fazer de conta" é algo processual, ou seja, possibilitam que algumas coisas/situações se tornem mais aceitáveis para a criança. (SANTOS; PANIZZOLO, 2014)

A pesquisa foi realizada em três encontros com as vinte crianças do Jardim B, que envolveram roda de conversas, escuta e reescrita de história, apresentação de imagens da turma durante (a realização dos projetos de trabalho realizados no período de meu estágio de docência junto à turma) e proposta de desenhos, todos estes encontros foram registrados e incorporados como produção de dados na pesquisa.

Pretendi criar possibilidades para uma escuta efetiva das crianças acerca da temática de estudo, concordando com a perspectiva de Ramos (2011), vemos que:

Colocar a criança como cerne de um estudo significa buscar subverter um lugar de invisibilidade que lhes foi conferido ao longo da história, reconhecendo-as como pessoas de direito próprio, conhecedoras do mundo que as cerca e capazes de criar relações. (RAMOS, 2011, p. 28).

Para iniciar o processo de pesquisa, retornei a escola para formalizar meu retorno a instituição, porém, a direção da escola pediu que eu fosse a SMED Porto Alegre requisitar uma autorização formal, que sem esta não seria possível minha inserção na escola novamente. Fiquei surpresa com tal solicitação, pois já havíamos conversado anteriormente sobre minha pesquisa junto às crianças e, segundo a direção da escola, estava tudo certo para que eu a realizasse, fato que infelizmente não foi tão simples. Devido a esta solicitação, tive que atrasar minha pesquisa com as crianças em uma semana, visto que para conseguir a autorização da secretaria de educação é necessário percorrer alguns passos burocráticos que levam alguns dias para serem sessados. Concluído este imprevisto, com a autorização em mãos, retornei a escola onde fui bem recebida pela direção e por toda a equipe escolar.

Ao chegar à sala de aula para conversar com as crianças sobre meu retorno, recebi muito carinho e afeto dos pequenos, conversei com eles sobre minha

pesquisa, e se gostariam de participar, li o termo de consentimento² informado que eu elaborei para as crianças, e pedi que aqueles que desejassem participar, o assinassem. Expliquei-lhes que poderiam escolher um nome/palavra para representar suas falas e ideias apresentadas para a pesquisa; no entanto as crianças preferiram que seus nomes fossem registrados no trabalho – tal desejo foi atendido. Todas as crianças já sabem escrever seu nome, e assim assinaram o termo. Para as famílias das crianças também foram encaminhados termos de consentimento, estes foram nas agendas das crianças no mesmo dia em que estive na escola conversando com elas. Os termos retornaram com assinatura de todas as famílias, o que foi bastante gratificante, pois revela uma reciprocidade, e reconhecimento, conquistados no período de estágio de docência, período o qual mantive com as famílias uma relação de parceria.

² Os termos de consentimento informado para as crianças e para as famílias encontra-se em anexo.

5 MAS QUE HISTÓRIA É ESSA? O ROTEIRO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em três encontros, nos dias 28 e 29 de outubro e 5 de novembro de 2014, com duração média de uma hora e meia cada.

O primeiro encontro foi direcionado para a contação da história “A fada que tinha ideias”, e respectiva conversa sobre a narrativa apresentada e novas possibilidades, apresentadas pelas crianças, para uma aula legal. Ainda neste dia, como meio de registrar suas opiniões as crianças desenharam suas propostas para uma aula legal para aquela escola de fadinhas apresentada na historia.

O segundo encontro foi mais específico na abordagem da temática da pesquisa. Primeiramente apresentei-lhes imagens do período em que estivemos juntos em meu estágio de docência, realizando nosso projeto de trabalho. Naquele momento as crianças observavam as imagens e manuseavam o dossiê que havíamos construído no projeto. Em seguida, lhes faço algumas perguntas direcionadas sobre como percebem a sua participação nos projetos de trabalho.

No terceiro e ultimo encontro, apresentei-lhes a nova versão da história “a fada que tinha ideias”, ao passo que eu lhes contava a história percebiam suas ideias e identificavam seus desenhos como ilustrações naquela narrativa. Este “reconto” da historia foi organizado por mim, ao reunir suas falas e desenhos elaborados no primeiro encontro.

5.1 DIÁRIO DE CAMPO DA PESQUISA: REGISTROS E PERCEPÇÕES DOS ENCONTROS

Ao retornar a escola para realizar a pesquisa, percebi que o grupo com o qual eu havia convivido durante o período em que realizei meu estágio de docência, não era mais o mesmo: muitas crianças deixaram a escola, outras chegaram... enfim, o grupo era outro; o que me surpreendeu e mostrou-me, novamente, que quando estamos em uma sala de aula com as crianças, um roteiro nem sempre pode ser seguido tal qual havíamos planejado.

Esta heterogeneidade da turma ficou muito clara desde o primeiro dia em que retornei a escola para conversar sobre a pesquisa que realizaria com eles; enquanto uma parte da turma mostrava-se interessada na proposta que eu lhes apresentava, a outra parte das crianças do grupo mostrava-se dispersa e desinteressada naquela conversa. Desde o início deixei claro que tratava-se de um convite, que ninguém era obrigado/a a participar da pesquisa. Acredito que mesmo a não aceitação nas propostas é uma formação de participação e promoção do protagonismo daquelas crianças.

No primeiro encontro havia quinze crianças presentes, primeiramente em um grande grupo onde todas as crianças da turma, participaram ouvindo a história “A Fada Que tinha Ideias”, após a escuta da história foram convidadas a recontar a história, apresentando novas ideias para uma aula bem interessante para as fadinhas. Para gravar os diálogos contei com o recurso de uma câmera filmadora, onde a utilizei para gravar as vozes das crianças.

Neste dia todas as crianças interagiram e mostraram-se interessadas na história “A fada que tinha ideias” e em criar novas possibilidades para “uma aula de magia das fadinhas bem legal”. Durante a contação da história, percebia seus olhinhos atentos e um prazer em estar ali comigo. Após a história, organizei a turma em três grupos com cinco crianças cada, era chegado o momento das crianças desenharem novas possibilidades para a história. Os desenhos expressam graficamente suas ideias e criatividade.

Imagens 9 e 10 – Desenhos das crianças:
recontando a história “A fada que tinha ideias”



Fonte: da autora

Entre as possibilidades criadas pelas crianças para uma “aula de fadinhas bem legal”, ressalto algumas que ilustram as possibilidades imaginadas pelas crianças:

Ela (a fadinha Clara Luz) ia pro colégio feliz!

- Giulia

Eu escolhi um final em que elas (fadinha Clara Luz e professora das fadas) foram brincar e estudar em outros lugares do mundo.

- Lívia

Todos os dias elas voltavam para estudar e brincar no arco-íris.

- Maria Eduarda

Elas fizeram um livro das coisas que fizeram nas aulas.

- Mateus

No segundo encontro, contei com a presença de treze crianças, ao chegar à sala de aula apresentei-lhes fotos e alguns trabalhos realizados por nós, durante o projeto Povos do Mundo (realizado durante meu estagio de docência no primeiro semestre deste mesmo ano). As crianças que haviam participado do projeto ficaram muito entusiasmadas ao rever sua produção e em ver-se nas fotos criando, dançando, brincando, comendo, divertindo-se nos momentos em que estivemos juntos. Porém um pequeno grupo de três meninos demonstrou muito desinteresse em estar conosco, embora eu os tenha convidado, explicando sobre o que se tratavam aquelas imagens e trabalhos, instigando que continuassem junto ao grupo, os meninos seguiram recusando-se a participar, um dos meninos aproximou-se e perguntou: “Hei sora, a gente não é obrigado a participar né? Tu que disse isso!”, respondi a ele “Sim, querido. Ninguém é obrigado. Se preferires pode brincar lá fora enquanto ficamos aqui na sala.” Dito isto, ele e outros dois amigos saíram em disparada para o pátio (acompanhados pela professora titular). Ressalto que algumas crianças ingressaram na turma após o término de meu estagio, e não sentiram vontade de participar - ao contrário do que havia acontecido no encontro anterior, onde todos, sem exceção, participaram com entusiasmo.

Ao reverem suas produções e fotos do projeto, sem que eu lhes perguntasse algo diretamente sobre as imagens e o período em que desenvolvemos o projeto, as crianças dirigiam-se a mim e entre elas mesmas comentando sobre o período em que realizaram o projeto. Destaco em suas falas indicativos de que quanto um projeto feito com as crianças torna-se significativo para elas.

Bah! Olha aqui profe a gente comendo o sushi! Eu adorei o sushi!

- Pietro

*Olha essa foto aqui gurias, é agente dançando! Tu lembra profe? Eu gostei!
(eu também... – disseram as demais colegas)*

- Livia

Olha aqui, bah! As bandeiras! Demais!

- Joao Vitor

E aqui a gente comendo churrasquinho... de gaúcho. Hum eu adoro!

- Maria Eduarda

Ao ouvi-las relembando nossos momentos durante o projeto, perguntei-lhes, se elas lembravam quem havia sugerido tantas ideias interessantes que ajudaram muito nos estudos do nosso projeto, e elas responderam:

“A gente!”

E eu lhes confirmei tal constatação dizendo,

“Isso mesmo as ideias do projeto foram de vocês!”

Imagem 11 – Revendo suas Produções



Fonte: da autora

Após este momento, conversei com as crianças e as organizei em dois grupos compostos de cinco crianças, onde conversamos sobre questões referentes à temática da pesquisa. Para compreender como as crianças percebem sua participação nos projetos de trabalho, organizei seis perguntas semiestruturadas, onde puderam expressar-se revelando suas percepções.

As questões elaboradas foram as seguintes:

- 1. O que fazes na escola?**
- 2. Nos projetos aqui na escola, como tu participas?**
- 3. Quem escolhe o que será trabalhado?**
- 4. Como achas que as crianças poderiam participar dos projetos de trabalho na escola?**
- 5. Se tu fosses professor/a como organizaria os projetos de trabalho?**
- 6. Achas que é importante a participação das crianças na criação dos projetos de trabalho? Por que?**

No terceiro e último encontro, contei com a presença de dezesseis crianças, apresentei-lhes a versão criada pela turma, em nosso primeiro encontro, para a história “A fada que tinha ideias”. Ao reler a história foi possível identificar suas falas e perceber uma possível concepção daquela turma sobre sua participação nos projetos de trabalho desenvolvidos no cotidiano escolar.

Para tal proposta, transcrevi as possibilidades apresentadas pelas crianças para uma aula legal, “que fosse interessante para as fadinhas” e, juntamente com seus desenhos, criei um livro onde esta nova história estava escrita e seus desenhos eram as ilustrações de tal “obra literária”.

Imagem 12 – Contação de histórias



Fonte: da autora

Ao contar-lhes a história criada pela turma, a cada trecho alguma das crianças levantava a mão e dizia: “*esse é meu desenho!*”, “*eu que disse isso outro dia profe!*”, e ainda os que não haviam comparecido a aula anterior questionavam “*cadê o meu?*”

Foi uma experiência muito interessante, pois eu não havia lhes dito que tratava-se da história que haviam criado, fui apenas lendo, e ao passo que a história era contada, as crianças percebiam sua autoria.

Porém, a questão é que ao recriar uma história as crianças expressam sua imaginação, o que muitas vezes não corresponde diretamente a realidade. No capítulo das análises tais perspectivas se contrapõem, entre o como participam e como gostariam de participar.

6 O QUE AS CRIANÇAS DIZEM QUANTO A SUA PARTICIPAÇÃO NOS PROJETOS DE TRABALHO: ENTRE AS VIVÊNCIAS E O DESEJO

Iniciei esta pesquisa com a perspectiva de infância e de educação infantil que constitui ao longo de minha graduação, sobretudo em meu período de estágio de docência na educação infantil. Uma das concepções norteadoras de minha formação é a premissa de que a criança é sujeito de ação nas relações sociais (SARMENTO, 2008).

Assim acreditamos que seja pertinente pensarmos, nas crianças como atores sociais, que produzem e são produzidos pela cultura, e que possuem sua forma particular de compreender o seu mundo, a partir de apropriações que fazem do mundo dos adultos, porém, ainda vistos também como crianças que necessitam de cuidados, atenção, de um desenvolvimento sociocultural, e de um 'olhar' que as diferencie, mas não com as lentes do adultocentrismo e portanto não subestimando-os enquanto seres criativos e de grande potencial. (CUNHA; BORGES, 2014).

Buscando articular as concepções estudadas durante minha formação no curso de Pedagogia, bem como das experiências docentes vivenciadas, conclui meu estágio com o desejo de saber mais sobre a perspectiva das crianças quanto a sua participação nas propostas da escola, visto que durante meu estágio de docência junto a elas desenvolvemos uma parceria na autoria das propostas para o projeto. Eu as ouvia com muito respeito e atenção, e adaptava suas ideias ao projeto. Foi assim, pelo prisma de crianças como protagonistas dos movimentos na escola, com direitos a fala e a expressão de ideias que desenhei tal pesquisa.

Ao analisar as informações obtidas por meio das falas, desenhos e expressões das crianças durante o processo de pesquisa, observei que as crianças apresentam concepções diferentes de “como participam” dos projetos de trabalho diverge do “como gostariam de participar”.

Tendo em vista tal concepção, organizo minha análise em duas categorias:

- **O contexto: como as crianças participam dos projetos de trabalho?**
- **E o desejo: como as crianças poderiam participar dos projetos de trabalho?**

Tais categorias são emergentes da análise de seus desenhos e falas apresentadas nas conversas mediadas pelas perguntas em relação a sua participação nos projetos de trabalho.

Elenquei algumas das respostas apresentadas nas questões, para elucidar as análises da pesquisa. O primeiro bloco de questões refere-se ao como participam e o segundo como poderiam participar, segundo as próprias crianças.

6.1 O CONTEXTO: COMO AS CRIANÇAS PARTICIPAM DOS PROJETOS DE TRABALHO?

Importante salientar que, as experiências das crianças sobre os projetos neste estudo, foi no contexto da Escola de Educação Infantil Cantinho Amigo, portanto as questões abaixo destacadas são relativas ao contexto vivenciado por este grupo de crianças, em um determinado tempo e espaço.

Uma das questões que emergiram refere-se a efetiva participação das crianças em seus fazeres na escola. Elas evidenciam que:

- *Brinco, faço atividade... vou pro lanche... (Pietro)*
- *Aprendo um monte de coisa. (Maria Eduarda)*
- *Faço as atividades, faço desenho... brinco no pátio, como todo o lanche...obedeço a “profe”. (Giovana)*

Por tratar-se de uma pergunta “simples”, que foi planejada como uma introdução na conversa relativa ao universo escolar daquele grupo, percebi que sua resposta também o foi: as crianças responderam frases “pontuais e sintéticas”, em alguns momentos também, escutavam o que o colega havia dito e respondiam da mesma forma ou o mais similar possível. Esta é uma prática bem comum entre as crianças e evidencia que suas experiências e sentimentos muitas vezes são compartilhados entre elas.

Outra questão que mediou nossa conversa era diretamente relativa à quais propostas/atividades e projetos de trabalho elas participavam na escola e o modo que ocorria. Muitas respostas das crianças evidenciaram que as crianças sabem sobre os “modos e comportamentos” de como devem e/ou deveriam ter nas ações cotidianas da escola

- *Fico quieto. Mas os outros colegas ficam gritando e bagunçando. E só. (Kauã)*
- *Participo fazendo as coisas, ajudando a “profe” e as outras crianças da sala de aula. (Katrina)*

- *Participo com a permissão da professora... e também fazendo tudo bem bonito.*
(Alicia)

Esta questão foi interpretada pelas crianças por um prisma que se difere da concepção de que eu como professora, e neste contexto pesquisadora, vinha construindo como referencial teórico deste estudo e de minha prática. As crianças apresentaram com clareza a sua interpretação, evidenciando que é o comportamento, destacando-se um viés “disciplinador” que é o exigido à elas no contexto da escola, desejando que sejam comportadas e/ou silenciosas durante as atividades.

Neste contexto, ficou claro que embora no período de estágio de docência, busquei desenvolver com aquele grupo de crianças práticas de que se percebessem como agentes ativos no cotidiano escolar, nota-se em suas falas que tal objetivo de compartilhar propostas para a sala de aula não é uma prática vivenciada pelas crianças no contexto da escola. Tal situação implica diretamente na concepção que as crianças apresentaram quanto a sua participação nos projetos de trabalho. Segundo elas, trata-se de uma participação concedida, ou seja, as crianças só podem participar quando e se a professora permite, caso contrário devem manter-se passivos às decisões das professoras.

Na tentativa de mediar as relações entre adultos e crianças, a história da fada que tinha ideias apresenta possibilidades de interação e interlocução entre professora e fadinhas, nesta direção uma das perguntas questionava às crianças sobre quem escolhe o que será trabalhado? Das dez crianças que participaram nove responderam que era a professora, e apenas uma menina professora e crianças.

Nesta questão apenas uma menina do grupo de crianças respondeu diferente dos demais colegas. A maioria das crianças percebe a professora como única responsável e “autorizada” a organizar na sala de aula a disposição dos trabalhos realizados pelas crianças.

Porém, tal realidade, se contrapõe ao desejo apresentado por elas em suas falas e desenhos. Neste estudo é possível afirmar que para este grupo, as crianças poderiam e deveriam participar dos projetos de trabalho e das propostas do cotidiano escolar, contribuindo com suas ideias como fica evidente na fala de uma das meninas desta turma, ao dizer: *“Se eu fosse professora... deixa eu ver... eu ia fazer conversa com os alunos na rodinha, pra saber o que eles querem aprender.*

(Livia)”. Esta e outras possibilidades de participação das crianças foram apresentadas pelo grupo, expressando seus desejos e divergindo de sua realidade.

6.2 O DESEJO: COMO AS CRIANÇAS PODERIAM PARTICIPAR DOS PROJETOS DE TRABALHO?

Para as crianças trata-se de um desejo simples, que segundo elas poderia ser atendido pelas educadoras, quando desenvolvem ações cotidianas, como sentar-se junto às crianças e perguntar-lhes se tem alguma ideia. Nos desenhos elaborados para recortar a história “A fada que tinha ideias”, refletem muito de suas vivências, como brincar na pracinha, ir à escola... Ações do cotidiano daquelas crianças, que por serem significativas a elas foram apresentadas nos desenhos como possibilidade de interação entre professora e crianças. As crianças querem ser ouvidas; afirmação esta obtida ao longo das entrevistas e confirmada ao transcrever e analisar suas falas e desenhos.

As falas abaixo apresentam as perspectivas das crianças sobre sua participação. Percebe-se que a postura escolar padrão, referindo-se exclusivamente a questão do comportamento em sala de aula ainda faz parte do cotidiano destas crianças.

- *Fazendo as coisas ué! (Maria Eduarda)*
- *Sendo comportada e fazendo tudo. (Giulia)*
- *Ficar junto com as profes e fazer o que as crianças gostam. (Livia)*
- *Escrevendo e dando ideias. (Pietro)*
- *Se divertindo. (Mateus)*

Mas de forma bem clara e evidente também expressam suas ideias, e apontam algumas propostas de como as crianças podem participar das atividades em sala de aula de modo autônomo, criativo e prazeroso. Nesta perspectiva, ao colocar-se no lugar de professora, sugerem que:

- *Eu ia deixar as crianças dançarem... Ia fazer rodinha e conversar. (Giulia)*
- *Eu ia fazer culinária e também brincar com as crianças. (Mariana)*
- *Eu ia fazer rodinha e fazer o que os alunos falarem que querem fazer. (Giovana)*

- *Se eu fosse professora... deixa eu ver... eu ia fazer conversa com os alunos na rodinha, pra saber o que eles querem aprender. (Livia)*

- *Brincaria com as crianças, fazia rodinha e um monte de recorta e cola. (Katrina)*

Fica evidente nas falas das crianças, ao colocarem-se no papel da professora, a importância que atribuem ao dialogo e ao momento da rodinha, evidenciando que estas são experiências de socialização das vivências cotidianas, de desenvolvimento de afetividades e do fortalecimento do protagonismo infantil nas relações escolares.

Os referencias nacionais de educação, corroboram com a importância atribuída pelas crianças quanto à roda de conversa, afirmam que:

[...] momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e a ouvir os amigos, trocando experiências. Pode-se, na roda, contar fatos às crianças, descrever ações [...] ler e contar histórias, cantar, declamar poesias, dizer parlendas, etc. (BRASIL, 1998, p. 138).

Tendo em vista a importância de serem ouvidas, apontada pelas próprias crianças, reafirma-se a necessidade de se pensar a criação de contextos de participação ativa da criança, possibilitando que ela seja protagonista nas relações sociais. As crianças afirmam sobre a sua participação nos projetos:

- *Sim! Porque é bom participar das coisas. (Pietro)*

- *Pra aprender as coisas fazendo junto. (Mariana)*

- *Por que é bom falar o que é legal de fazer na aula. (Giulia)*

- *Por que é bom. (Kauã)*

- *Sim... Não sei dizer... (Alicia)*

- *Sim. Porque é legal. (Giovana)*

- *Sim. Porque daí a gente pode dizer as coisas que acha. (Mateus)*

- *Acho que sim! Porque eu adoro dar ideias. (Katrina)*

- *Sim! Por que a criança, quando é criança, se divertem nas atividades e aí tudo fica mais legal. (Livia)*

Considero que as falas das crianças nesta ultima sessão evidenciam que o diálogo como algo de suma importância para aquele grupo.

É possível perceber, pelas falas do grupo, que para as crianças a participação ativa nos projetos de trabalho significa dar-lhes voz e vez para que as atividades do

cotidiano escolar sejam prazerosas para elas. As crianças têm direito à participação na elaboração e desenvolvimento dos projetos e sua voz deve ser ouvida e levada em consideração. Conforme Sarmiento (2008) é preciso ampliar o

[...] conhecimento acerca das crianças e do seu bem-estar, colocando a ênfase sobre a necessidade de conhecê-las a partir de si próprias, ou seja, tomando em consideração as suas experiências como forma de explicitar e conhecer mais a sua subjetividade – os modos como entendem, interpretam, negociam e sentem em relação aos mundos materiais e discursos que tecem as suas vidas quotidianas. (SARMENTO, 2008, p. 69).

A participação infantil nas escolhas do cotidiano escolar faz com que as crianças incorporem e apreendam seus direitos e possam vivê-los, além de desenvolver a criticidade, reflexão, coletividade e avaliação das suas próprias decisões.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar com as crianças é, antes de mais nada, um prazer! Estar junto aos pequenos, interagir com eles e perceber em suas falas e atitudes muitos conhecimentos, vivências e criatividade, tornam o pesquisador um aprendiz. E foi assim, com a proposta de aprendiz, de alguém que espera algo novo, que retornei a escola em que realizei meu estágio de docência para novamente conversar com aquelas crianças e entender, por meio de suas falas, mais sobre suas concepções em relação à participação nos projetos de trabalho desenvolvidos no cotidiano escolar.

Acredito que o tema de estudo apresenta-se relevante para a área da educação, uma vez que traz contribuições significativas para a Educação Infantil, discutindo as vivências e as possibilidades de participação das crianças por elas mesmas.

Naturalmente, não há a pretensão de fazer deste estudo um ofício que contemple a todas as crianças de educação infantil. Este estudo, refere-se especificamente a um grupo composto por dezesseis crianças, que contribuíram para minha pesquisa. Entendo que dentro dos limites de tempo que a pesquisa para o trabalho de conclusão de curso delimita, há algumas questões deste tema que ficaram de fora dos estudos, mas que em futuras pesquisas podem ser aprofundados e discutidos mais especificamente, a fim de contemplar outras questões referentes a esta temática tão ampla, sobretudo por se tratar de pesquisa com crianças.

Para esta pesquisa, foram aprofundados estudos sobre os projetos de trabalho na educação infantil, sobre a importância deste nas aprendizagens e experiências educativas na educação infantil. Para tal concepção, valho-me das palavras de Barbosa e Horn, que ao longo de meus estudos sobre a temática – educação infantil e projetos de trabalho-, contribuíram em minhas aprendizagens, e reforçaram meu desejo de aprender a ser educadora com as crianças.

Não há vida sem desejo, e a conceitualização mental do desejo, sua racionalização, formula-se em termos de projeto. Projetar é, pois, introduzir o inédito; um novo desejo em uma história não é apenas prosseguir é também romper e reorientar o curso das coisas. (BARBOSA; HORN, 2008. p. 33).

Ainda na proposta de trabalho com projetos, a relação entre professoras e crianças torna-se mais próxima, visto que ao compartilharem os passos que conduzirão os projetos, ambos se escutam e levam em consideração as ideias e propostas apresentadas.

A partir desta pesquisa pode-se perceber que as crianças consideram importante sua participação na elaboração dos projetos de trabalho. Em suas falas, quando questionadas sobre “como achas que as crianças poderiam participar?” evidencia-se um desejo em produzir junto à professora, em contribuir com suas ideias e adaptar as propostas educativas elementos que lhes são interessantes. Corroboro com Junqueira Filho ao dizer que:

Numa lógica dinâmica e articulada de planejamento, feito em duas partes e dois momentos do trabalho, proponho que o professor procure o que faz sentido para as crianças a partir do que lhe faz sentido, educando-se em parceria, garantindo e valorizando o protagonismo de cada um, interlocutores indispensáveis e a altura uns dos outros. (JUNQUEIRA FILHO, 2009, p. 12).

Ainda nesta pesquisa podemos perceber o contra ponto a este desejo. Percebe-se em suas falas quanto à questão da participação das crianças, trata-se de uma participação concedida (ou não). Tal constatação vai de encontro com as concepções de infância e educação infantil discutidas ao longo deste texto, visto que aqui a criança é posta como centro de interesse das relações educativas, sobretudo, pelo prisma de minha experiência de docência com aquela turma, pois no período em que estivemos juntos, o protagonismo e autoria na elaboração dos projetos era compartilhada entre eu e as crianças.

Confesso que as crianças durante a pesquisa me surpreenderam com suas experiências e perspectivas, mas acredito que com crianças, não há como prever possíveis respostas, pois estas emergem do sujeito a partir de suas concepções e vivências.

Não podemos desconsiderar que, embora haja uma vivência “passiva” nas atividades do cotidiano escolar, há um desejo, uma vontade e mais ainda uma percepção das crianças de que elas podem sim contribuir propondo ideias para os projetos e para as ações do cotidiano escolar. Assim é possível legitimar que esta posição de passividade não é própria da criança, e sim uma condição que lhe é concedida pelas relações de poder no ambiente escolar. Cabe a nós, educadores e

educadoras, percebermos esta relação e analisá-la frente às nossas concepções de criança e educação infantil, pois elas nos provocam através de suas falas.

Durante as entrevistas, realizadas para a pesquisa, e ao transcrever suas falas, rever seus desenhos e analisar o que haviam dito e expressado sobre o tema, percebo que as crianças expressam uma cultura própria, repleta de reflexões, hipóteses e significados. Tal percepção me leva a pensar na importância de propostas pedagógicas construídas com as crianças, extrapolando a perspectiva de “para as crianças”.

Ao chegar a “linha de chegada”, percebo que os projetos de trabalho, bem como as propostas educativas no cotidiano escolar, para que possam ser desenvolvidas com as crianças, devem ser pensadas com as crianças, oportunizando que elas exponham suas opiniões e desejos. Levo comigo, a importância de incluir as crianças como protagonistas das relações vivenciadas no cotidiano escolar. Acredito que a escola é um lugar para as crianças e deve ser protagonizado pelas crianças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda Lopes. **A fada que tinha ideias**. São Paulo: Ática, 2007.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por que voltamos a falar e trabalhar com a Pedagogia de projetos?** Pátio: Revista Pedagógica, v.3 n.4, 2001.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto / Secretaria de Educação Básica, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB n.º 5, dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da; BORGES Camila Bettim. **A arte é para as crianças ou é das crianças? Problematizando as questões da arte na educação infantil**. Porto Alegre, 2014.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008.

ESCOLA MUNICIPAL JARDIM DE PRAÇA CANTINHO AMIGO. **Histórico da escola**. Disponível em:
<<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/cantinhoamigo/historico.htm>> Acesso em 15/09/2014, 22h15min.

GOBBI, M. A. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: DEMARTINI, Zeila de B. F.; PRADO, Patrícia D.; FARIA, Ana Lucia G. (Org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 69-92.

HERNADEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNANDEZ, Fernando; VENTURA Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HERNANDEZ, Fernando. **Os projetos de trabalho: um mapa para navegantes em mares de incertezas**. Pátio: Revista Pedagógica, v. 3 n. 4, 2001.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Pátio – Educação Infantil**, nº 21. Ano VII. NOV/DEZ. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 12.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Secretária de Educação.

Histórico. Disponível em:

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/default.php?reg=1&p_secao=19 Acesso em 27/06/2014, 20h30min.

RAMOS, Anne Carolina. **Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avôs e netos na perspectiva das crianças**. Porto Alegre: 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ROCHA, Eloisa Acries Candal. Porque ouvir as crianças? Algumas questões para um debate multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Tatiani Rabelo Lapa; PANIZZOLO, Claudia. **BRINCAR, BRINCADEIRA E A CULTURA LÚDICA: O QUE AS CRIANÇAS DIZEM SOBRE O SEU VIVER NA ESCOLA? II SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO EM ESTUDOS DA CRIANÇA: Pesquisa com crianças: desafios éticos e metodológico**, 2014, Porto Alegre.

SARMENTO, Manuel Jacinto. GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Altino J; PRADO, Patrícia D. (Orgs.). **Das Pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Informado da Criança

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DA CRIANÇA

Este papel de nome estranho – “Termo de Consentimento Informado da Criança” – é, na verdade, um papel que explica o que vamos fazer durante esta pesquisa e quais são teus direitos de participante. A pesquisadora que vai estar com vocês nos encontros é Júlia Pereira Cabral, com orientação da professora Dra. Simone Albuquerque.

Depois de lermos juntos tu poderás tu poderás escolher se queres ou não participar e ajudar neste trabalho, assinando este papel. Mas não fique preocupado/a, tu também podes mudar de idéia em qualquer momento e desistir das entrevistas e brincadeiras.

O que será feito?

- Durante a entrevista faremos atividades como: Contação de história, desenhos e muitas conversas.
- Caso tu não queras fazer alguma das atividades, poderá não fazê-la.
- Tudo o que a gente fizer nos encontros será guardado por mim de forma bem segura.
- Tudo aquilo que a gente fizer nos encontros vai ser guardado por mim de forma bastante segura.
- Nas entrevistas não existem respostas certas ou erradas, e as atividades que tu fizeres não serão corrigidas. Não sou eu quem vou te ensinar, mas é tu quem vais me ensinar sobre as coisas que tu sabes acerca dos projetos/trabalhos/atividades desenvolvidos em sala de aula.

Depois de ter lido e entendido o que vai ser feito nesta pesquisa eu,

_____aceito participar.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2014.

ANEXO B – Termo De Consentimento Informado – Da Direção Da Escola.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO – DA DIREÇÃO

A escola _____ concede autorização (sem qualquer implicação financeira para ambas as partes) à aluna Júlia Pereira Cabral, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), para uso na elaboração do seu Trabalho de Conclusão de Curso com finalidade educacional.

PROPÓSITO DA PESQUISA:

A pesquisa pretende investigar a perspectiva das crianças sobre os projetos de trabalho desenvolvidos no cotidiano escolar.

(Assinatura do diretor/a)

Porto Alegre, _____ de _____ de 2014.

ANEXO C – Termo de Consentimento Informado do Responsável pela Criança.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO – DO RESPONSÁVEL PELA
CRIANÇA

Eu _____, portador do
CPF nº _____, responsável pela criança
_____ AUTORIZO (sem

qualquer implicação financeira para ambas as partes) à aluna Júlia Pereira Cabral, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a orientação da professora Dra. Simone Albuquerque, coletar informações, por meio de entrevistas direcionadas às falas das crianças do Jardim B, para serem utilizadas na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. Estes dados terão finalidade exclusivamente educacional.

A presente autorização é cedida livre e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus.

(Assinatura da responsável)

Porto Alegre, _____ de _____ de 2014.